

A FOTOGRAFIA NA II BIENAL NACIONAL DE ARTES PLÁSTICAS DA BAHIA

Telma Cristina Damasceno Silva – Fath*

Resumo

Este texto tem como objetivo abordar a inclusão da fotografia na II Bienal de Artes Plásticas da Bahia e a participação dos artistas baianos nesta modalidade. Realizada em 1968 a II Bienal foi historicamente um dos principais eventos da arte no estado. Pela primeira vez, na Bahia, a fotografia dividiu com outras categorias artísticas o mesmo espaço de exibição. O conteúdo desta pesquisa é fruto de um fragmento da dissertação de mestrado intitulada: A Fotografia Artística na Bahia e sua Inserção nos Salões Oficiais de Artes.

Palavras Chaves: Fotografia Artística. Inclusão. II Bienal de Artes Plásticas da Bahia.

Resumen

Este texto tiene como objetivo abordar la inclusión de la fotografía en la II Bienal de Artes Plásticas de la Bahia y la participación de los artistas baianos en esta modalidad. Realizada en 1968 la II Bienal fue históricamente uno de los eventos de las artes en el estado. Por la primera vez, en la Bahía, la fotografía dividió con otras categorías artísticas el mismo espacio de exhibición. El contenido de esta pesquisa es fruto de un fragmento de la disertación de maestría intitulada: A Fotografia Artística na Bahia e sua Inserção nos Salões Oficiais de Artes.

Palabras Clave: Fotografía Artística. Inclusión. II Bienal de Artes Plásticas de la Bahía.

No período entre 1960 e 1970, surgem diversas exposições, festivais, salões de fotografia no cenário internacional, período que a modalidade fotografia começa a fazer parte juntamente com outras categorias artísticas dos mesmos ambientes de exposições.

Na Bahia não foi diferente a fotografia foi apresentada, pela primeira vez, juntamente com outras modalidades artísticas, em um salão oficial de arte na II Bienal da Bahia, em dezembro de 1968.

O evento aconteceu no Convento da Lapa, onde foi montada uma sala especial de fotografia. Porém, no regulamento da mostra, a fotografia se manteve fora das categorias concorrentes à premiação. Os artistas baianos que tiveram seus trabalhos expostos na sala especial foram: Lazaro Torres; Silvio Robatto; Paulo Guimarães; Anísio de Carvalho; Albérico Motta; e representando o Grupo Um de Fotografia: Antônio Carlos Mascarenhas, Armando Correia Ribeiro, Jamison Pedra e Kabá Gaudenzi, isento de júri, segundo o regulamento da Bienal. Sobre estes fotógrafos falaremos em seguida.

O júri especial de fotografia foi composto por Riolan Coutinho¹, Godofredo Filho², Luiz Júlio Silveira, Kabá Gaudenzi e José Mario P. Costa Pinto, presidente do Foto Cine Clube da Bahia. A sala foi composta por 18 artistas provenientes das seguintes regiões do Brasil: Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro, sendo o maior número da Bahia, com nove representantes. O critério de seleção foi através de convite e, entre os participantes, fotógrafos ligados ao fotoclubismo como: Herros Cappello e João Minharro, do Foto Clube Bandeirantes; David Uzurpator, que foi diretor da Associação Brasileira de Arte Fotográfica. Destaque também para o Novo Ângulo Grupo de Fotografia, de São Paulo, fundado em 1936, com Carlos Antônio Moreira, Alberto Juan Martinez e José dos Reis Filho, que tinham uma orientação desvinculada dos foto clubes, buscando em suas imagens uma forma ampla de reflexão³; Fernando Goldgaber⁴ e o crítico de arte Clarival do Prado Valladares com imagens referentes a arte cemiterial⁵.

Para Gaudenzi⁶, membro do júri e um dos organizadores da sala, o pré-requisito para as indicações dos artistas convidados se baseou nos nomes que mais buscavam em seus trabalhos a modernidade do período e a estética contemporânea daquele momento. Declarou que Juarez Paraíso o chamou na época e disse que queriam fazer uma sala de fotografia para inserir também a fotografia dentro de uma estética geral no espaço consagrado.

Ainda, Gaudenzi relata que, devido ao tamanho da sala, muito bem posicionada, localizada no térreo do convento, porém não muito grande, eles procuraram uma padronização no tamanho das imagens, sendo as maiores na dimensão 50 x 60 cm e uma de um metro e setenta, na sua maioria preto e branco.

Partindo das imagens apresentadas no catálogo da exposição, os fotógrafos baianos apresentaram trabalhos diversificados quanto ao tema. Na imagem de Paulo Guimarães (Figura 01) o enquadramento à disposição das linhas chama atenção. Um homem de costas, vestido com terno escuro e segurando um guarda-chuva, sobe uma ladeira entre os carros, seguindo entre os paralelepípedos que dividem a rua. A perspectiva diagonal que o autor escolheu enfatiza o asfalto e o corte de um carro na parte inferior do instantâneo. A fotografia lembra o estilo simultâneo e espacial de Henri Cartier-Bresson (1908-2004), como uma surpresa para o olhar. Guimarães, baiano, começou a fotografar aos 16 anos e se profissionalizou aos 19 anos, na ocasião fotografava para o jornal A Tarde e outras revistas no país. Desde então buscava uma nova dimensão e dinâmica para a foto reportagem. (Revista GAM, 1968)

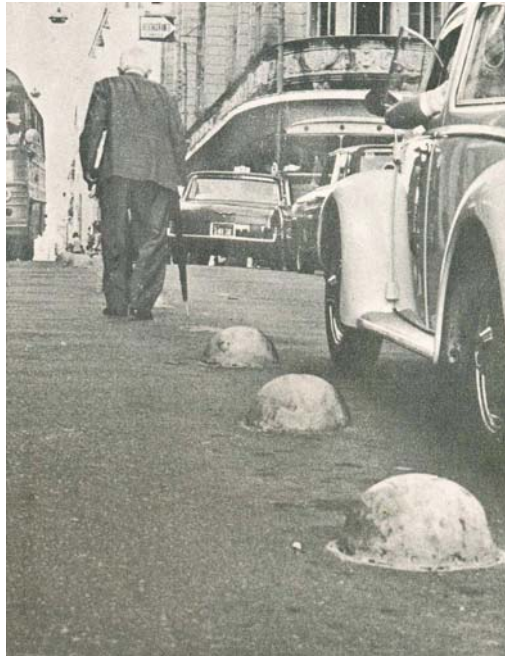


Figura 01 – Fotografia Paulo Guimarães
Fonte: Catálogo, Revista GAM, 1968

Do mesmo modo, Anísio de Carvalho possuía experiência profissional no fotojornalismo, trabalhou com Leão Rozemberg, para a Revista Manchete e foi chefe do departamento fotográfico do Jornal da Bahia. A fotografia de Carvalho na mostra contém elementos simbólicos associados à religiosidade do sincretismo baiano. Uma criança em primeiro plano de perfil segura uma vaso transpassados por colares; à esquerda, em segundo plano, num fundo escuro aparece a imagem de Jesus crucificado.

Já o arquiteto Silvio Robatto sua fotografia (Figura 02) na publicação do evento é instigante pela predominância dos contornos. Um rosto aparece entre formas com grandes proporções, sugerindo várias possibilidades do que poderá ser. A imagem dialoga com uma tendência vanguardista que experimentava na fotografia elementos surrealistas.

Lia Robatto⁷ declarou que o artista nasceu em um ambiente onde a fotografia tinha um grande significado. Em um dos seus cadernos de conto, ele narra à história de seu avô paterno, Alexandre Robatto, que na passagem do século XIX para o XX comprou uma máquina fotográfica em Paris e quando voltou a Salvador se estabeleceu como fotógrafo. Numa ocasião, Alexandre Robatto foi a Saubara⁸ fotografar um noivado e acabou se apaixonando pela noiva, que logo depois terminou o compromisso para se casar com ele.

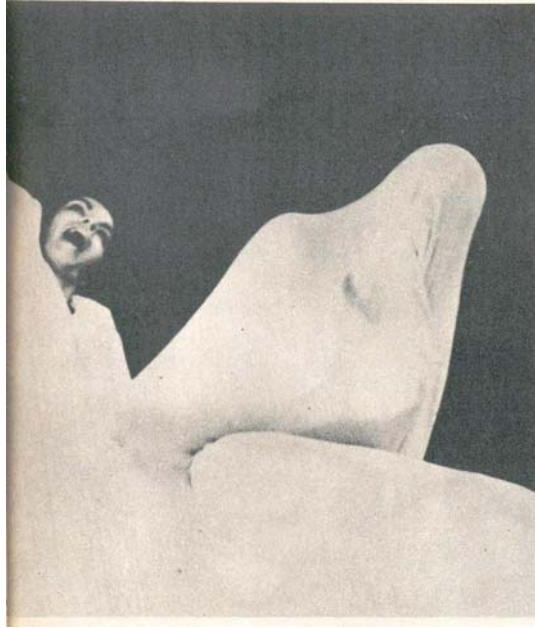


Figura 02 – Fotografia Silvio Robatto
Fonte: Catálogo, Revista GAM, 1968

Desde muito jovem Silvio Robatto demonstrou o desejo de possuir uma câmera fotográfica e seu pai, Alexandre Robatto Filho (1908-1981), que era dentista e pioneiro do cinema na Bahia, fez um trato em presenteá-lo com o equipamento somente quando ele aprendesse a revelar na câmara escura. Robatto aprendeu depressa e logo no colégio em que estudava passou a oferecer aos colegas seus serviços fotográficos. Em seguida, ele começou a fotografar os *making of* dos filmes que o pai dirigia, a exemplo do documentário intitulado *Vadiação*⁹, em 1954.

Ainda estudante de arquitetura, em 1957, ele apresentou uma exposição de fotografia sobre a arquitetura brasileira, patrocinada pelo Ministério das Relações Exteriores, que percorreu diversos países da Europa. Em 1959, participou da Bienal de São Paulo com fotografias, em uma exposição sobre a Bahia organizada por Lina Bo Bardi. Nos meados da década de 1960, o artista já inovava, projetando suas imagens de detalhes da arquitetura barroca em espetáculos de dança de Lia Robatto.

Sobre esta ocasião, lembra Juarez Paraíso¹⁰:

Silvio foi o primeiro a propagar e divulgar a Bahia tem uma linguagem séria e muito bonita de fotografia, fez uma exposição incrível em São Paulo. Também o trabalho de hibridização da fotografia nos espetáculos de dança era fantástico. [...] ele trabalhava muito com a fotografia como referência e transformações de uma maneira dominadora [...]

Aberto a novas possibilidades de expressão, Silvio Robatto foi um dos primeiros a utilizar em suas imagens recursos digitais. Fotografava analogicamente e experimentava,

modificando e interferindo em suas próprias fotos. Segundo a sua esposa Lia Robatto (2009), ele não gostava de fotografar em estúdio; sempre foi um fotógrafo que captava o olhar da cidade. Brincava com a granulação, fazia da mesma foto várias versões com efeitos diversos, acrescentava molduras para destacar algum detalhe da imagem e partia de uma foto até chegar a um desenho abstrato.

Observando a diversidade dos temas abordados na obra do fotógrafo e principalmente em seus cadernos inéditos, compostos por imagens e contos, é possível identificar o olhar livre, criativo e poético de Silvio Robatto.

Quanto a Albérico Motta, ele era professor da cadeira de Ciência Política da Universidade Federal da Bahia. Começou a se interessar por fotografia em 1951. Ganhou o prêmio de segundo lugar no I Salão Bahiano da Fotografia Contemporânea em janeiro de 1968. Participava das atividades desenvolvidas pelo Foto Cine Clube da Bahia e também pelo Grupo Um de Fotografia. Declarava¹¹ ser influenciado pelos seguintes fotógrafos: Cartier-Bresson (1908-2008), Robert Capa (1913-1954), Irving Penn e Fernando Goldgaber.

A fotografia de Motta na exposição mostrava um homem carregando uma criança nos ombros. A criança, com um laço nos cabelos, segurava na mão direita uma pequena bandeira do Brasil. Tudo indica que eles assistiam a um desfile cívico. Motta escolheu um enquadramento vertical e utilizou uma lente teleobjetiva, pois a cena está bastante aproximada. Sobre o conteúdo metafórico da imagem podemos associar a uma possível preocupação do fotógrafo com a realidade política que o Brasil se encontrava na época.

Trilhando um caminho inverso ao convencional, Lázaro Torres se aproximou da fotografia através do cinema. Desiludido com a falta de incentivo para fazer cinema, recolheu-se um período para se dedicar à fotografia, época em participou do I e II Salão Bahiano da Fotografia Contemporânea, realizando a sua primeira exposição individual na galeria 114, em julho de 1968.



Figura 03 – Fotografia de Lázaro Torres
Fonte: Catálogo, Revista GAM, 1968

Sobre sua foto no catálogo da exposição (Figura 03), Lázaro Torres relata¹²: “Eu me deitei no chão da Castro Alves fazia um calor insuportável. Quando eu queria alguma coisa em arte eu era assim obstinado”. A imagem retrata uma mulher com um vestido esvoaçante de meias curtas e um sapato masculino, com óculos e chapéu, sendo flagrada no momento exato que olhava para a câmera. A imagem foi feita na mesma localidade que a de Paulo Guimarães, no centro da cidade de Salvador, em uma subida que liga o trecho entre a Praça Castro Alves a Rua Chile. O enquadramento ousado centraliza o motivo aparentando o declive do lugar. A mulher fotografada era a “Mulher de Roxo”¹³, que foi diversas vezes tema para as composições de Torres.

A partir das suas pesquisas de luzes suas fotos ganharam outra dimensão. Dos experimentos resultaram imagens que ele denominava como “relevo aparente”, obtidas por sobreposição de uma mesma imagem em negativo e positivo no momento da ampliação. Ele estudava os materiais alterando as fórmulas, substituindo químicos, modificando as cores das cópias através de banhos de viragem¹⁴. Estes artifícios produziam uma carga dramática às fotografias.

Pierre Verger resumiu a obra de Torres da seguinte maneira, na Tribuna da Bahia (1971, p. 8):

Lázaro Torres, apesar de jovem, revela em sua arte um traço de originalidade marcante. Suas fotos se caracterizam por uma preocupação de composição e ângulos, de tomada de vista muito pessoal. Quase sempre em suas buscas persegue o insólito, efeito que ele reforça freqüentemente seja por meios de cópias muito contrastadas ou por meio de científicas “viragens”, donde resultam aplicações nas tonalidades mais imprevisíveis. Os assuntos que retém sua atenção são os mais variados e vão desde “portraits” de Maria Bethânia e Caetano Veloso a “um petit-enfant” todo nu, sentado sobre a calçada, contemplando a catedral.

Ramos entre a década de 1970 e 1980 dirigiu o departamento de fotografia do jornal Tribuna da Bahia, fotografou para Revista Manchete e se aposentou como fotógrafo da Prefeitura Municipal de Salvador. Hoje se dedica à literatura.

Outros integrantes da sala especial na II Bienal foi o Grupo Um de Fotografia, com três representantes. O grupo surgiu na segunda metade da década 1960, aleatoriamente com a finalidade de congregar o trabalho individual de vários fotógrafos amadores da Bahia. A equipe era composta por: Márcia Corrêa Ribeiro, Armando Corrêa Ribeiro, Luiz Júlio Ferreira, Albino Costa, Rubem Guelman, José Queiroz, Auter Raschovsky, Miguel Bartilotti, Geraldo Machado, Antônio Carlos Mascarenhas, Jamison Pedra e Kabá Gaudenzi. (Revista GAM, 1968)

Segundo Kabá Gaudenzi¹⁵, as saídas para fotografar eram divididas em grupos, cada um com destino diferente. As reuniões não tinham um lugar fixo, às vezes no escritório de José Queiroz ou na casa de Armando Corrêa. A carência de cursos específicos na área era uma das razões para as pesquisas desenvolvidas e a troca de informações entre os participantes.

De acordo com Gaudenzi, eles sempre marcaram presença nos eventos artísticos da época. Não havia muitos espaços para exposições, os salões organizados pelo Foto Cine Clube da Bahia no foyer do TCA eram muito importantes. O grupo também expôs na Galeria Bazarte, mas era a arte de rua que mais os atraíam. Participaram da 1º Feira Baiana de Arte Moderna, em 1968, realizada no Jardim da Piedade, fruto de um projeto chamado “15 dias de arte”, que eram exposições itinerantes em várias faculdades da UFBA e que finalizou com uma semana de arte na Praça da Piedade. A feira era para todas as artes visuais e tinha um setor de fotografia. Lá, o Grupo Um teve uma barraca e começou a mostrar obras avançadas para época como foto objeto, cubos grandes que em cada face possuía uma fotografia, peças de tamanhos variados que ficavam penduradas com imagens em preto e branco e que poderiam ser manuseadas.

Sobre a 1º Feira Baiana de Arte Moderna, a historiadora da arte Maria Helena Flexor (2003, p.96) relata:

Era uma exposição de grande alcance que colocava o público em contato direto com o artista e sua obra. Os artistas participantes 48 ao todo distribuídos em vinte cinco barracas. Além da presença de músicos mostravam, também, as técnicas da fotografia.

Infelizmente, não existe nenhum registro sobre o evento acima citado, como também, grande parte do acervo de Gaudenzi foi perdido em um acidente doméstico. Ele afirma que o seu grupo tinha alguma coisa adiantada para a época e que quebrava os paradigmas estéticos.

Quanto aos temas de suas fotos, relata que eram povo, rua, feira, existindo uma interferência na cópia, embora prevalecesse o caráter realista da imagem.

No início dos anos 1970s, Gaudenzi viaja para França com uma bolsa de estudos para estudar cinema e televisão, passando a lidar com fotografia no cinema, área que atua até hoje como produtor.

Sobre a imagem que compõe o catálogo da sala de fotografia representando o Grupo Um de fotografia, é de autoria de Jamison Pedra (Figura 04), conforme informa Gaudenzi.

Um senhor caminha na calçada com uma bengala, de chapéu, e demonstra ter uma aparência simples. Ao fundo, em grande dimensão, um outdoor mostra a imagem bastante aproximada de um jovem dentro de um carro olhando para o lado sorridente. Do lado esquerdo da imagem, o texto anuncia: “‘Espere um pouco mais.’ Rivelino”; abaixo do texto, aparece a logomarca de uma fábrica de carros. Trata-se de uma propaganda do novo modelo de uma marca de carro e o jovem ao volante é provavelmente um jogador de futebol da seleção brasileira. O olhar atento do fotógrafo apontou para uma cena que poderia ser banal, transformando-a em um testemunho de uma sociedade cheia de contrastes. Jamison Pedra é arquiteto. Nas artes plásticas e visuais, experimentou diversas linguagens desde o desenho, escultura, pintura, fotografia até o cinema. Para ele¹⁶, uma das peculiaridades do artista é estar sempre explorando novas técnicas e novos temas.



Figura 04 – Fotografia de Jamison Pedra
Fonte: Catálogo, Revista GAM, 1968

Sua trajetória nos salões de fotografia começou com o I Salão Bahiano de Fotografia Contemporânea, onde ganhou o primeiro lugar. Pedra era um freqüentador assíduo do laboratório fotográfico no Instituto dos Arquitetos da Bahia, segundo o presidente do Foto Cine Clube da Bahia, José Mario P. Costa Pinto (2009).

Logo no início da década de 1970, ganhou o primeiro lugar em um concurso de fotografia na Revista Realidade, da Editora Abril. O prêmio foi uma câmera Leica e a imagem vencedora foi capturada durante a entrega do presente de Yemanjá. Pedra (2009) conta que durante o percurso o mar estava muito agitado e que ele tinha guardado o equipamento em uma sacola impermeável, mas não teve coragem de fotografar. Quando estavam chegando às imediações da praia do Rio Vermelho, o pescador desligou o motor do barco e começou a remar com uma vara. Neste momento, o sol já estava se pondo e ele olhou o pescador, que mais parecia um guerreiro, e a força em seus músculos contrastando com a iluminação do fim do dia. Foi justamente nesta fração de segundos que ele capturou a imagem. De acordo com o artista, esta foto ganhou outra dimensão quando foi utilizada pelo jornal Política Operária. Ainda neste período, ele era arquiteto do Departamento de Construção e Reparo do Estado da Bahia, estava sempre viajando para o interior do estado, procurando terreno para construir escolas; nas horas vagas, aproveitava para fotografar a cidade.

Pedra, em sua poética, acredita que as características artísticas de uma imagem devem corresponder aos elementos do design, à composição com ritmo, equilíbrio, proporção, sem deixar de ser documentação, valorizando o ser humano. Quando se fala de fotografia artística, não é só a câmera, não é só o registro, mas toda a influência do ambiente.

Também na década de 1970, Pedra participou da mostra “Fotografia Urbana” no Museu de Arte da Bahia, foi fotógrafo *freelancer* da Editora Abril e ganhou o 3º lugar em outro concurso de fotografia da Revista Realidade. Realizou um curta metragem¹⁷ e outras exposições com escultura e pintura. No mesmo período, ingressa na Universidade Federal da Bahia como professor na Escola de Arquitetura e depois na Escola de Belas Artes¹⁸.

Na década seguinte viaja para os Estados Unidos da América para cursar o mestrado em Fine Arts, na University of Cincinnati, Ohio, e posteriormente o doutorado em Arte Educação e Planejamento.

Ganhador de vários prêmios nas artes plásticas, Pedra hoje confessa se dedicar mais às pesquisas na arte computacional e pintura, mas afirma continuar fotografando. Concluindo, para ele, a técnica utilizada pelo artista para criar é em grande parte determinada pelo tempo disponível para a arte, pelo lugar, pelos materiais e pelas técnicas disponíveis. Esses fatores fundamentam o processo criativo. A ferramenta é a técnica e a arte é a criação durante o processo¹⁹.

Sobre a admissão da fotografia nos espaços oficiais de arte ele atesta:

Quem incentivou muito a fotografia em salão foi Juarez Paraíso, que teve uma posição importante para o desenvolvimento da fotografia na Bahia. Se não fosse

Juarez não tinha salão, bienal não tinha nada. Ele tem a visão da foto artística, aí você vê a qualidade do artista. (PEDRA, 2009)

Lamentavelmente, logo depois de sua inauguração, a II Bienal Nacional de Artes da Bahia foi fechada pelo regime militar da época. Com algumas obras censuradas²⁰, a Bienal foi reaberta em 17 de janeiro de 1969, ficando em cartaz até 15 de fevereiro do mesmo ano.

NOTAS

*Telma Cristina Damasceno Silva - Fath é graduada em Comunicação, UFBA, especialista em Fotografia Técnica pela Staatliche Fachschule für Optik und Fototechnik, Berlim, mestre em Artes Visuais UFBA. Professora na Faculdade 2 de Julho e Faculdade da Cidade do Salvador. cristinadamasceno@hotmail.com

¹Riolam Coutinho(1932-1994), artista plástico professor da Escola de Belas Artes, UFBA.

² Godofredo Filho (1904-2004), escritor, dirigiu o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na Bahia e Sergipe durante 1936 a 1985 In: *Revista da Academia de Letras da Bahia*, n. 42, 1996

³ MENDES, Ricardo. Fotografia e Ação Cultural Movimentos na cidade de São Paulo (1970 -1996). *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v.4, n. 12, dez. 2005.

⁴ Carioca foi um dos primeiros artistas a ter uma exposição individual em Salvador realizada em 1965, na Galeria Convivium, Diário de Notícias, de 1/8/1965, caderno SDN, p.2. Ele fez parte da Associação Brasileira de Arte Fotográfica na década de 1950 (COSTA; SILVA, 2004, p.72)

⁵ Em texto de Juarez Paraíso que compõe o catálogo do Segundo Salão Nacional de Arte Fotográfica da Bahia, 1993.

⁶ Em entrevista concedida para este trabalho, em 13 de março de 2009.

⁷ Em entrevista para este trabalho. Lia Robatto é coreógrafa e foi esposa de Silvio Robatto.

⁸ Saubara, município no recôncavo baiano.

⁹ Sobre Vadição, vê SETARO, André; HUMBERTO, José. *Alexandre Robatto Filho: pioneiro do Cinema Baiano*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1992.

¹⁰ Entrevista concedida para este trabalho em 17 de dezembro 2008.

¹¹ Fonte de informação catálogo do evento publicado na Revista GAM, 1968.

¹² Em entrevista concedida para este trabalho em 14 de março 2009.

¹³ “A Mulher de Roxo” é uma personagem lendária da cidade do Salvador, que costumava perambular no centro da cidade, conhecida principalmente pelas gerações de 1960 e 1970. Mais informações sobre ela podem ser encontradas no primeiro documentário do Projeto Cenas da Bahia, realizado pelo Pólo de Dramaturgia da Bahia, Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2004.

¹⁴ Viragem é um processo de coloração das fotos preto e branco, através de banhos químicos sucessivos. In: ZUANETTI, Rosi; REAL, Elizabeth; MARTINS, Nelson. *Fotografia – O olhar, a técnica e o trabalho*. São Paulo: Senac, 2003.

¹⁵ Declarações em entrevista para este trabalho, em 13 mar. 2009.

¹⁶ Declarações feitas em entrevista para este trabalho em 17 de março de 2009.

¹⁷ O Curt- metragem “O Forte”, já citado.

¹⁸ Cronologia cedida pelo artista, feita por Heloísa Prazeres em 19 de fevereiro de 2002.

¹⁹ PRAZERES, Heloisa. A arte de Jamison Pedra. Trajetória nas quatro décadas. *Revista da Bahia*. n.40. Salvador: Empresa gráfica da Bahia, abril 2005.

²⁰ As obras censuradas pertenciam aos seguintes artistas: Lênio Braga, Antonio Manuel, Antônio Dias e Tereza Simões. (COELHO, 1973, p.42)

REFERÊNCIAS

COELHO, Ceres Pisani Santos. **Artes plásticas: movimento moderno na Bahia**. 1973. 223f. Tese (Concurso para professor Assistente do Departamento I) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1973.

COSTA, HELOISA. SILVA, Renato Rodrigues da. **A Fotografia Moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Arte na Bahia**. Salvador, 2003.

GAUDENZI, Kabá. **Depoimento**. [13 mar. 2009]. Entrevistadora: Cristina Damasceno, Salvador, gravação em áudio.

PARAÍSO, Juarez. **Depoimento** [17 dez. 2008]. Entrevistadora: Cristina Damasceno, Salvador, gravação em áudio.

PEDRA, Jamison. **Depoimento** [17 mar. 2009]. Entrevistadora: Cristina Damasceno, Salvador, gravação em áudio.

PINTO, José Mario Peixoto Costa. **Depoimento** [3 abr. 2009]. Entrevistadora: Cristina Damasceno, Salvador, gravação em áudio.

ROBATTO, Lia. **Depoimento** [6 de abr. 2009]. Entrevistadora: Cristina Damasceno, Salvador, gravação em áudio.

TORRES, Lázaro. **Depoimento** 14 de março 2009. Entrevistadora: Cristina Damasceno, Salvador, gravação em áudio.